

EUROPA: QUE FUTURO?

por Mário Soares

Foi um êxito para o Governo Português a aprovação do Tratado Reformador agora chamado Tratado de Lisboa. Falta assiná-lo e, depois, que os 27 Estados o referendem, nos Parlamentos nacionais ou em referendos populares. O importante, porém, é que o Acordo foi conseguido e, solenemente, anunciado. É caso para os europeístas respirarem fundo e dizerem: finalmente!

Porquê? Porque após a rejeição do Tratado Constitucional, feita pelos eleitorados francês e holandês - mais por razões de política interna do que por razões europeias - há cerca de dois anos, a União Europeia vivia num impasse institucional, que alimentavam o cepticismo e podia levar, a prolongar-se, à desagregação do próprio projecto europeu.

O Tratado de Lisboa não me satisfaz - devo dizê-lo, como europeísta convicto - nem na sua letra, por ser confuso, remete para os Tratados anteriores e é ambíguo; nem no seu espírito, por ser equívoco quanto à própria identidade europeia e ao caminho a seguir. Não é simples e sucinto, como queria Sarkozy, nem é sequer claro, nos seus propósitos. Representa o compromisso possível, de momento, entre europeístas e livre-cambistas, que aliás não foi nada fácil de obter... Mas, mesmo assim, tem o significado de ser um passo em frente na institucionalização de uma Europa Unida - com um Presidente e uma voz na política externa - dotado de uma Declaração dos Direitos Fundamentais, com efeitos vinculativos para todos os europeus dos 27 Estados membros da União, excepto o Reino Unido, segundo parece. Ainda não é a Europa dos Cidadãos, mas para lá se caminha. Espero.

Claro que o Tratado de Lisboa não deve ser visto nem lido como um ponto de chegada ou o termo da construção europeia. Mas antes, como um ponto de partida, um novo arranque, como deseja Jacques Delors, para uma Europa Política, Social e Ambiental, com uma economia sustentável e estruturas institucionais coerentes que possam fazer da União, como é necessário, um parceiro global, com peso e coerência, no mundo globalizado, multipolar, incerto e inseguro, em que vivemos.

Como é possível avançar entre as contradições de 27 Estados membros e os europeus que querem uma Europa supra-nacional - porque nenhum Estado europeu, por si só, tem força e dimensão suficientes para contar no mundo de hoje, mesmo a Alemanha, o mais forte de todos, tanto pelo seu peso demográfico como pela sua riqueza - e os que se satisfazem, por terem outros projectos nacionais, como o Reino Unido, com uma União que seja apenas uma vasta zona de livre comércio?

A meu ver só há uma maneira e já a escrevi neste jornal: insistindo na fórmula das cooperações reforçadas. Os exemplos de Schengen e do Euro são claros e concludentes. Quem não quer conceber a Europa, de que faz parte, como uma União Política, Social e Ambiental, pois que fique como está. Mas que não impeça os outros Estados membros, que são a esmagadora maioria, de avançarem nesse sentido, como é necessário que aconteça. Uma Europa que tenha um projecto coerente de paz, de solidariedade em relação ao mundo mais pobre e que seja, simultaneamente, uma referência e um farol, para o resto do mundo, pelo seu modelo social, pelo bem estar dos seus concidadãos, pelo seu respeito pela Natureza e pelos Direitos Humanos, pela sua aceitação do outro, pela justiça que promove, pela laicidade, no respeito de todas as religiões e dos não crentes, da liberdade religiosa, pela integração, como cidadãos e pela dignidade dos imigrantes que a procuram e para ela trabalham.

Não se trata de uma utopia, ou se for, para alguns, que os cidadãos europeus não desesperem de a realizar, como aconteceu já com tantas etapas do seu caminho, que pareciam irrealizáveis.

A Europa precisa de responsáveis políticos com coragem, sentido dos grandes valores e das Causas nobres e com audácia. Devem ser capazes de inovar - em resposta aos desafios do mundo de hoje - considerando que um mundo em acelerada mudança não é compatível com uma União Europeia voltada para o seu próprio umbigo e empenhada tão só em comportamentos de rotina ou

burocráticos. É preciso ousar. Saber ouvir a voz dos outros Continentes. E abandonar o que está velho e gasto.

Foi por isso que me pareceu tão insólita e insensata a ideia de propor para Presidente da Europa Tony Blair. Não estão em causa a sua inteligência ou a sua capacidade. Está o seu passado de fiel aliado de Bush, quando empurrou, na vergonhosa Cimeira dos Açores, o Ocidente para o profundo descrédito que resultou da invasão do Iraque e do que chamaram "guerra" contra o terrorismo. Um fracasso total. E ainda toda a política que se lhe seguiu, que está a pôr o mundo, no dizer de Bush, ameaçando o Irão, em "vésperas de uma terceira guerra mundial". Que terrível insensatez.

Blair na presidência da União Europeia, tão reticente quanto ao projecto europeu como foi - e é - será de novo o descrédito dos políticos europeus que o propuseram. Mas isso será o menos. O pior seria o verdadeiro retrocesso histórico que daí resultaria para a construção europeia.

Lisboa, 23 de Outubro de 2007